

-Cá estão os fixes!

F. Valença

R. 84



2.º ANO



PELOS COLABORADORES LITERARIOS

PELOS COLABORADORES ARTISTICOS

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 12 de Maio - 1927

5 TOS TÔES



sempre
fixe
51
semanário humorístico

Sr. Alvarenga Brito Capelo

Propriedade RENASCENÇA GRAFICA

DIRECTOR E EDITOR

Administração REDACCAO E OFICINAS



Os ditos da semana



Só quem é pai poderá avaliar a nossa emoção. *Sempre Fixe* faz hoje um ano! O menino apresenta-se com robusta saúde. Saiu da primeira dentição mais feroz do que nunca. Já vai a passeio. Mete ainda os dedos no nariz, quando olha para o papá, o público, com todos os atributos que a criação lhe deu, perguntando:

— Que tal, sou bonito?

Sempre Fixe é muito malcriado — esplendida educação que lhe tem valido a simpatia de muitas senhoras e o ciúme de todos os cavalheiros que as requestam e nos requestam. Não tem papas na língua. Diz tudo o que sabe, tudo o que sente e tudo o que vê. Não tem que se admirar da precocidade, porque é muito inteligente. Dêem-lhe um lapis e vê-lo-hão apontar os narizes mais volumosos de Lisboa, todas as prós femininas que navegam entre os lagos do Rocio e os de S. Pedro de Alcantara. Quando foi da revolução esteve em casa, para não ser acusado de bolchevique.

Teve também o seu desgosto com a morte dum Amigo querido...

No entanto, o seu humorismo é inexgotável. Inventas as maiores partidas deste mundo. Escuta ás portas, sobe as arvores ramificadas de gloria e de outras coisas que por ai se ostentam — vai aos teatros, mas não é da *claque*.

A sua certidão de idade está conforme com os registos jornalísticos. Tem bons padrinhos e melhores amigos. Apesar de tudo não faz mal a ninguém. Traquinas, mas amorável. Até hoje não tem tido nenhuma doença. Saúde de ferro. E vai por aqui fora. Conta durar muito tempo — mas nunca ser velho. Quando chegar aos quarenta ha-de ser como aos dez: brincalhão e toleirão. Não podíamos deixar a outrem as saudações ao *Sempre Fixe*, o mais gentil e humorístico rebento da nossa imprensa. Bebemos em sêco pelas suas prosperidades. O *champagne* da nossa alegria é tão claro como agua: é uma ilusão. Homenageando-o sem banquetes por causa dos rotários não arrotarem ideias, prestamos — isto a sério — aos que têm ajudado e até mesmo desacreditado — sem nada pagarmos pelo magnifico réclame — o preito da nossa maior admiração.

Obra comum, o *Sempre Fixe* tem vivido e fortalecido sem papas de milho, porque não tem papas na lingua. Fala como

gente. Vai pelo seu pé a toda a parte. Canta nas ruas que é um regalo. Ama as senhoras que o não largam e a boa moral que ele não larga. Aos cavalheiros, que o conhecem, o *Sempre Fixe* deseja mil contos de herança, duas duzias de senhoras e todos os bens e venturas terrestres que é possível conquistar ou fantasiar.

Agradecidos?
Nós, também.



E andam para ai a dizer que ha falta de casas! Que os bolcheviquismos do inquilinato medram mesmo nas melhores barbas! Que os senhorios levam couro e cabelo e mais outros pelos! Que se dorme nas ruas e que ha patrão que, por falta de quarto, ocupa o da criada! E' desconhecer a grandeza, a capacidade da magnifica edificação que está sendo concluida, no Jardim Zoologico. Nem mais, nem mais, que uma cidade em ponto pequeno — a Aldeia dos Macacos, onde cabem os que lá estão e os que lá não

estão. Todos os que nos exploram: senhorios e mercieiros, todos os que nos massam: doidos e credores, todos os que nos apoquentam: maus politicos.

Lisboa — despovoa-se. As casas são de graça. Dá-se também pensão: amendoim, pau de marmeleiro, tão util nos tempos que vão correndo, e pevides. Desaparecem os energúmenos. Metade da população do pais vai-se coçar para onde não faça dano.

O peor é se estala algum movimento no povoado. Quem será o chefe? Naturalmente qualquer macacão de rabo pelado, já muito sabido. Como sempre!



O meu respeito pela vida do semelhante assenta em bases solidas. Tenho sempre receio que ele vá parar á cadeia. Infundo-lhe de tal maneira as minhas preocupações que ele nunca deixa de me atender, em seu beneficio. Só assim tenho resistido a viver em Lisboa, atravessando-a de noite, quando os gatos são mais do que os policias, e

Aventuras duma viagem aerea a Madrid



O sr. F. do A. em «panne» ou o vôo incompleto de um pombo correio

estes menos do que os canceiros. Em Portugal o crime é raro. Pela manhã matam-se algumas pulgas com violentas efusões de sangue. E' vulgar assistir a despiolhamentos ferroses, na via publica. Perseguem-se também cães vadios — mas é por não terem licença camararia. A respeito de trabalho fazem tanto como os outros. A's vezes mais: auxiliam o serviço de regas, distribuindo agua equitativamente, por todas as esquinas, o que não fazia o sr. Carlos Pereira. Tirante as pulgas, a variedade menor dos parasitas que habita as selvas encarapinhadas dos garotos, o assassinio é raro em Lisboa. E' mesmo inutil. Outro dia, porém, li nos jornais, com certo espanto de homem sobrio, pouco acostumado a festins carnivoros, que um tal Mario comera, numa taberna, naturalmente depois do bacalhau com batatas, a orelha de um amigo de infancia. Confesso que fiquei surpreendido! Não saboriei a estranheza do *manjar branco*, muito ao paladar do *preto*. Calculei, apenas, a rizeja daquele estomago, digerindo facilmente a preciosa cartilagem acustica, digna dum tubarão do Pacifico.

Até hoje, em mesa redonda, a unica orelha que se tem comido é a de porco. Apetitoso, derramando secretos untos, ela iguala senão excede a humana orelha, trincada pelo Mario, numa taberna do Jardim do Regedor.

Teria comido a orelha? Mastigado apenas? Simplesmente provado? O crime vai ser difficil de provar. Os juizes encontram-se em frente dum caso de alta envergadura culinaria. O atentado existe. De facto, existe, mas quanto a mim em prol da humanidade. Uma orelha a menos é um boato a menos. Dando-se o caso do boato ser proibido; a orelha também o deve ser. Quando os efeitos se reprimem, investigam-se as causas. Ora a orelha... Mas é bom não falarmos nela — tanto mais que já não existe. E lembrarmos que o burro, o animal mais estúpido da criação, é mais burro ainda por ter as orelhas compridas. Quem sabe se ele ficou assim, exactamente por ter sempre seguido as lições, os conselhos e as palavras do homem? Afinal o burro é o unico discipulo que não nos atraiçoa. O unico que nos substitui na vida — a nossa imagem e a nossa semelhança.

Vão lá agora dizer mal dele!

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Patrão, é o alfaiate que traz a conta.
—Pode passar...



—Onde está o dinheiro?
—O sr. ladrão confundiu-me, certamente, com minha mulher...



O marido da automobilista:
—Três multas num dia! E' melhor tomares um taxi. Sai-me mais barato.



Previsão:
—Esperamos que venha cá jantar no domingo.
—Hoje é segunda-feira, não é. Então não posso cá vir. No domingo tenho que ir ao onterro de minha tia...



—Minha filha está aprendendo francês e algebra. Vá, Mariasinha, fala um pouco em algebra a esta se-hora.



"Isto de touradas é cada um em sua casa..."

Domingo não houve tourada no Campo Pequeno por se estar preparando a instalação electrica para a proxima tourada nocturna, em que *Armillita*, um idolo que nós importamos, vai disfarçar a sua cor, puxando para o escuro com a escuridão protectora da noite. Ele tem razão, porque de noite todos os *Armillitas* são pardos.

Os aficionados: que não foram á batalha de flôres ficaram, portanto, em casa, e como o outro dizia que isto de touradas é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos, vamos estudar em que consiste a tourada em casa de cada um.

Chega um cidadão a sua casa e é recebido pela «consorte» com dois estalos por vir tarde: é a «sorte» de «um par á porta da gaiola». Se escapa pela intervenção protectora da sopeira, foi a serva que fez o «quite». Se foge, escondendo-se atraz da porta, é que busca o «refugio das táboas». Se, pelo contrario, escolho a ocasião para tambem «molhar a sôpa», então aproveita o «resalto». Tambem pode começar a fazer fôsquinhas, esquivando-se do «bicho» e «ambiando os terrenos».

Se na vida domestica surge mu «cavaleiro», a atenção que a esposa do «cada um» lhe possa prestar é já uma «farpas» na tunica da virtude conjugal. Se o adulterio fica num beijo, é um «curto» na honra do marido, mas se passa a mais e este não investe furioso, então é um «par» num many-embolado. Se a vitima volta á «cabeça á ofensa», é «garupa» escandalosa. Salvo se castiga o sedutor «cravando um ferro d'alto a baixo»; neste caso, ainda que perca a «estribeira», mereço aplausos. Nos anteriores casos, a hon-

ra manda «tocar a recolher» e o ofendido sai da «praça» publica ontro os «mansos» e volta ao «curral».

Nalguns casos, limita-se o «citado» a «vingar-se», indo á cara do outro, que pode esquivar-se, «cuarteando» ou saltando a «trincheira» das convenções, se não quero aceitar o duolo, «dido a duon».

Os filhos do matrimonio, como os «pães de muleta», podem ser de «peito», se ainda não foram desmamados, «naturais», se não são legitimos, ou «ajudado», o que é mais sério; neste caso, o melhor é gritar: «Venga la espada» e «entrar a matar».

As discussões caseiras são «pégas». Estas podem ser frente a frente, «de cara», ou «de costas» se se volta ás ditas á discussão. Atacando os argumentos á volta do assunto, então é do «cernelha». Se o marido não «fica na cabeça» á discussão, ou não pode «dominar» os «derrotes» da esposa, então o melhor é «arabejar» meia duzia de açoites bem puxados na «pombinha».

Na trincheira do matrimonio ha «carecas», como eu, o «papagaios», que são os que repetem o que ouvem.

No terreno da conquista, são mais perigosos os «cavaleiros», os de cavalaria, que os «pêcos», o que anda a pé. Os que andam com dinheiro são «andarilhos» e ainda existem os «profissionais» da conquista e os «ambdotes».

E para não estar com mais «corteziás», terminarei afirmando que, nisto do matrimonio, o mais «inteligente» é o que não quer tomar «alternativa».

E com isto córto a «coleta» ao assunto.

Perez-Lachaise

A FAMILIA DO "FIXE"

Imitação ao celebre monologo «A minha familia»

I

Eu sou o *Fixe* janota que ao nascer olhei e ri, amamentou-me a chacota e a um ano resisti.

Não tenho casa ou mobilia nem sequer onde viver, mas agrada-me a familia como passo a descrever:

- Director, *fixe*, d'estalo o *Pedro Bordalo*.
- Aviador de volta e meia, o *Felix Correia*.
- Quem no foot não se engrola, o *Rebola-a-bola*.
- Cañerista firme em tése, o *Perc-la-chaise*.
- Das *premières*, lapis certoiro, o *Carlos Ribeiro*.
- Retroz preto em quantidade, o *Alvaro de Andrade*.
- E quem sofre da moéla, é o *Portela*.

II

Nunca tive redacção nem carteira ou telefone, mas tenho a administração aonde impera o *Manzony*.

E, assim, som eira nem beira, se a *Censura* não me empata, vou cantando a chuchadeira desta *Lusa bambochata*...

- Por quem tenho a maior cronça, é p'lo *Valença*.
- Desenhos fenomenais, o *Carvalhais*.
- Habilidade ás carradas, o *Barbadas*.
- Não ha outro que so assemelho ao *Anarelhe*.
- Quem vai do *Le bon* na esteira é o *Parreira*.
- Quem rima o mole e a glosa é o *Zé Barbosa*.
- Quem nos «avales» põe consinto é o *Alfredo Pinto*.

Fixe Junior

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Juro-te que é mentira. Este é o meu unico ninho de amor.



—Mas agora não passa nada. Porque é que o policia mandou parar o transito...
—Não vês que elo está-se exercitando.



—Parece que a menina fala muito ao telefone.
—Era com um cliente.
—Pois então faça favor de não trazer nenhum cliente por «céu da minha vida».



—Vamos, Pascoal, não sejas egoista. Dá uma esmola áquele mendigo...



—Olha, Jorge, porque motivo aquele passaro se sustenta só num pé?
—Não sei! E' possivel que tambem não se sustenha se encolher o outro...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

DIZEM que o *Cusido á portuguesa* ainda não entrou na panela.

Olhem que o publico quer o jantar-sinho depressa. Já tem a barriga a dar horas com a *Mouraria*...

■ ■ ■

O *Secretario dos Amantes* continua a ter uma grande correspondencia. Os carteiros já não chegam para o serviço—que tem sido volumoso. Enfim, sempre é uma revista que o publico não devolveu á procedencia.

■ ■ ■

NO Avenida está-se preparando a nova opereta *Padre Cura*.

O espectáculo é capaz de fazer milagres. O *Amarante*, vendo-se sotaina, converte-se ao jornalismo. Não tenham duvidas, que é o quo lhe falta para alcançar a perfeição cristã.

■ ■ ■

O GIMNASIO reabre breve com o *As dos Inquilinos*.

Cuidado com os despejos!

■ ■ ■

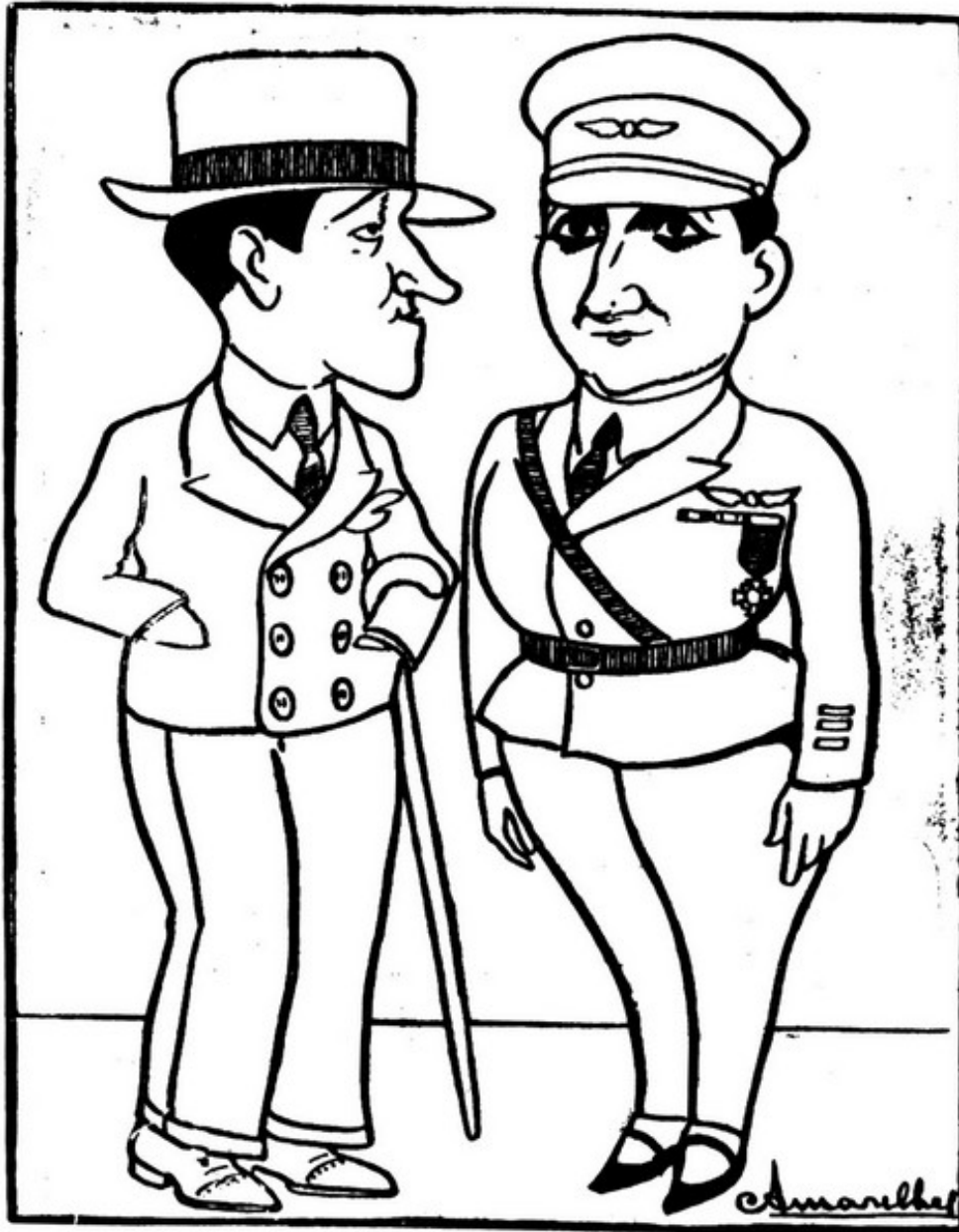
JOSE Climaco encontra-se no Porto com o *Cabaz de Moringos*.

Sempre é bom estar junto da mercadoria. Os frutos são tão apetitosos...

■ ■ ■

O *Diario de Lisboa* noticiava outro dia que a viuva dum falecido escritor regressava ao teatro.

to e p'conasme!



Hortense Luz e Maria Laura
As duas melhores epistolas do "Secretario dos Amantes"

NO Variedades vai-se estreiar *O Topa-a-tudo*.

É um titulo tão significativo que até dá uma alcunha. Oferece-se a quem der maior lanço! Tenham a certeza que não faltam licitantes...

■ ■ ■

DIZ-SE que a actriz Palmira Bastos vai á provincia e depois ao Brasil.

Cuidado com os «engajadores»! Mais vale um passaro na mão que dois a voar.

■ ■ ■

HA certas creaturas que, quando vêem a casa arder, gostam de incendiar a do visinho.

Se o bombeiro é amador, a coisa ainda pega; se não é, basta verter aguas para o fogo se apagar...

■ ■ ■

O *Bairro Alto* continua mantendo o exito da primeira noite. A expressão já não melindra ninguem. Confundem-se os locais para sossego de muitos lares. Digam lá que o teatro não é uma fantasia e um recurso?

■ ■ ■

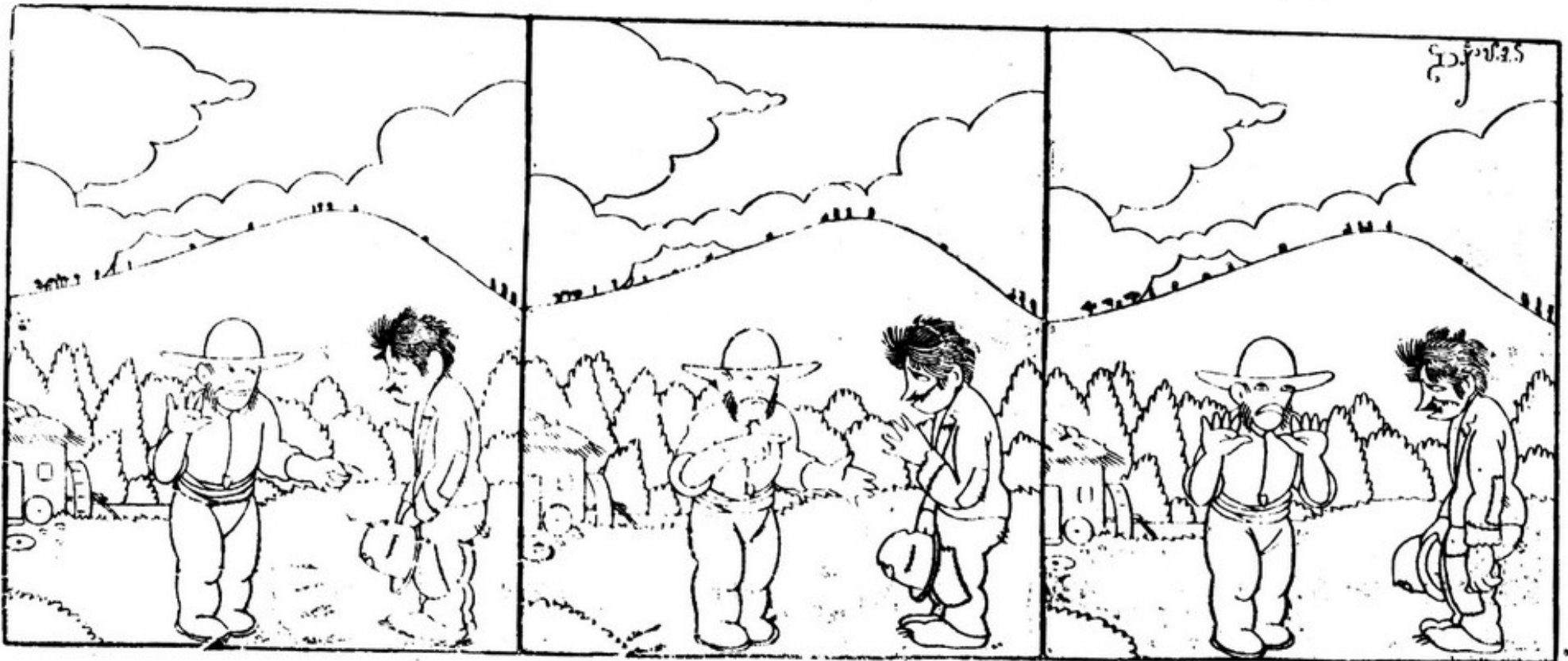
O publico ficou um roucochito desorientado com o *Turco do Khariz*—opereta sem musica.

Em vez de vêr o *turco*, viu-se grego.

Digam lá que o teatro não vai longe. Até vai ao Oriente...

O Homem das 5 horas

O MOLEIRO E O DOIDO



— João — diz o moleiro — cá na terra dizem que és doido.

— Eu não sei o que sou. Sei muitas coisas e outras não sei.

— Muito bom João: então o que sabes tu?

— Sei que os moleiros têm sempre porcos gordos.

— E o que não sabes?

— Olhe... Estou ainda para saber de quem é o trigo que eles comem.

CANÇÃO NACIONAL

Fado do "Fixe"

(no seu primeiro aniversário)

Mote

O Sempre fixe magano
o Zé Povinho seduz
porque hoje faz um ano
que a Imprensa o deu á luz.

Glosas

O Sempre fixe danado
tem mais pais do que cabelos
que, só para eu descrevê-los,
tem que ser ao som do Fado.
Na Renascença gerado,
nasceu, talvez, por engano...
Da boca, tirou-lhe o cano
da bota o Miguel Martins,
sustentando a quadrilhe
o Sempre fixe magano.

Nasceu co'os olhos abertos,
fez de parteira o Bordalo,
o Alfredo Pinto a embalar-lo,
mais dois padrinhos Norbertos,
E por isto, entre os espertos,
o Sempre fixe reluz,
basta-lhe o lapis de truz
com que traceja o Valença,
p'ra se vêr que, sem de...
O Zé Povinho se-luz...

A sua vida amargurada
não tem sombras de pilheria
porque é coisa muito séria
fazer graça d'empregada:
Fica a boia esvoaçada
e os ossos sem ter tutano,
arma o talento em tirano
por não ter onde se aniche
mas é orgulho p'ró Fixo
porque hoje faz um ano!...

Tem mais na paternidade
o Franca e o Fuas tripeiro
o Stuart e o Carlos Ribeiro,
o Barradas e o Andrade,
Ferez, Portela e a habilitale
que o Amarelhe traduz
e um Barbosa com a cruz
dos fados sensabor'es,
eu, o pior dos canastrões
que a Imprensa deu á luz...

Reporter B.

NOTA.—Não falei no Parreira nem
no Felx Correia porque os versos fi-
cavam com sílabas a mais.



—Três mioleiras do carneiro, mas
que sejam do mesmo...

A NOVELA DO "FIXE"

O sotaque

Gomes d'Alvor foi um grande amigo
que no Norte, por simpatia, esperava
sempre que quando eu ali chegava,
fosse jantar com ele.

Comulava-me de favores, oferecia-
me charutos, convidava-me para os
seus camarotes de assinatura em to-
das as *premieres* nos teatros do Porto.

Bairrista des quatro costados, em-
bora muito viajado e ilustrado, nunca
perdeu o sotaque tripeiro que hoje se
vai, pouco a pouco, desvanecendo.

Eu mandava-lhe, de vez em quan-
do, salmonetes do Setubal, ameijoas
do Algarve e outras especialidades
boas em todo o mundo, que ele sabo-
reava, agradecendo a Deus a ocasião
de embanderlar em arco o seu requin-
tado paladar.

Cheguei a fugir de o encontrar
no Porto porque as amabilidades, não
podendo mais p'vo, choviam em ca-
dadupa.

Uma das vezes que eu cheguei ao
Porto, á tarde, no hotel, recebi um
pequeno embrulho e uma carta. Nela,
entre outros periodos, destacava-se o
seguinte:

*«...ano sei que está no Porto e co-
mo era minha intenção brindar-lo no
seu dia de anos que passou, j'nto lhe
envio um cadeado, desculpando-me
a insignificancia da oferta.»*

Que diabo de lembrança foi aquela
de me mandar um cadeado?

Abri o pequeno embrulho e dentro
lobrigitei uma bela corrente para o
relogio. — Foi para me fazer
maior surpresa—di— eu comigo...

Claro que fui logo direito a casa
dele, a agradecer-lhe o mimo, mos-
trando-me muito sorridente pela piada
do cadeado...

—Mas foi um cadeado que eu lhe
mandei—diz-me ele.—Não pode ter re-
cebido outra coisa.

—Perdão, eu não recebi cadeado
nenhum... Foi uma corrente.

Nesta altura, fiz uma figura triste
porque não sabia, por ser português
classico, que, lá no Porto, chamavam
às correntes—cadeados...

Depois de eu ter feito aquela figu-
ra d'urso, o meu amigo volta-se para
mim e disse-me:

—Você vai *aminhão*?

—Vou, disse-lhe eu, não resta duvi-
da; não posso faltar...

—Então, fica combinado, se vai
aminhão, vou consigo...

Eu fiquei radiante por ter ocasião
de vir a Lisboa com o meu amigo e
ficou logo combinado, sem mais pream-
bulos, de que ás 7 horas da tarde, no
dia seguinte, lá estaria em sua casa.

O dia seguinte passou-se depressa,
fiz a minha maleta de viagem e, *truz*,
truz, ás 7 batia-lhe á porta.

Subi e eis que o vejo aparecer jov-
ial, de *smoking*, abraçar-me e dizer-
me:

—Pontualidade inglesa... Bravo!...
Vamos jantar e, depois do espectacu-
lo, uma ceia no Camanho... Tenho
uma corista em vistas...

—Eu fiquei perplexo ante aquela
charada...

—Perdão, caro amigo, eu tenho que
partir esta noite e não posso ir ao
teatro.

—Não pode ir ao teatro? Então para
que se comprometeu ontem á vir
comigo?

—Eu?

—Sim, senhor, ao Lírico...

—Eu?!?!...

—O' homem, eu não lhe disse on-
tem se vou á *Mignão*?

«A *Mignão*... vai hoje no S. João e
já comprei duas *fauteuils*.

E eu, ali mesmo, tive que abrir a
maleta de viagem, e virgar o *smoking*
que ele continha e explicar-lhe a con-
fusão sónica do seu sotaque, com o
de que eu usava as *handkerchiefs* desprega-
das.

Quando transpuz-me á porta pa-
ra o seu automovel, eu disse-lhe em
ar de piada, imitando-o:

—A palavra acima de tudo... Vês
que sempre vou á *Mignão*.

—Vamos mas é hoje no S. João --
disse ele, rindo do engano.

E o caso é que a *Mignon* foi admi-
ravelmente cantada e eu, ás duas ho-
ras da noite, estava ceando no *Camanho*
com uma corista italiana, en-
quanto que uma outra portuguesa
me esperava, a essa hora, em Lisboa.

Que agradável é o sotaque do Norte!

Fixe Junior.



—Muito transpira o freguez. Quere um gelado?

—Não! Basta-me uma cerveja. Os verdadeiros suores só
começam quando a familia pensa em veranear.

Bric-á-Brac

Uma "gralha"

O *Imparcial* contava,
Que, fiel ao seu programa,
A policia já andava
A dar caça, e caça brava,
Aos papos-secos da trama.
E, como eu precise graça
P'ra fazer a gazetilha,
O acaso, por pirraça,
Tirou a cedilha á caça,
E fez caça sem cedilha.
Esta *gralha*, realmente,
Num resumo concretisa
O pensar de toda a gente:
E' disso, precisamente,
Que o Pápo-Seco precisa...

João Fernandes.

BOM HUMOR

—Papá, qual será o meu maior
O que tem brilhantes?
—Não, meu filho! O anel mais caro,
que nunca se acaba de pagar e não
tem pedra nenhuma, chama-se alian-
ça...

Entre namorados:
Elu:— Não me chame senhora. Cha-
me-me Joana.
Ele:— Desculpe. Tenho medo de di-
zer um nome feio.

—Eu tinha um filho que nunca me
deu um desgosto. Mas Deus levou-
m'o.
—Com que idade morreu ele?
—Seis meses incompleto!

—O seu filho casa-se este ano?
—Acho que sim. As videntes anun-
ciam tantas desgraças para 1927...

Ne dentista:
—Tenho um dente que me doe hor-
rivelmente cada vez que lhe ponho o
dedo.
—Ora essa! Não mexa nele!
—Mas se eu não mexer, como posso
saber que ele me doe?

Na leitura do testamento:
O tabelião:—...deixo metade da mi-
nha fortuna á minha inconsolavel
viuva.
Um herdeiro:— Inconsolavel, por-
quê?
O tabelião:—Porque nunca se ha de
consolar de receber só metade...

Entre amigos:
—Vi pela primeira vez a minha
mulher num paquete de luxo.
—Sou mais feliz que tu. Nunca so-
fri nenhum desastre no mar...

Numa redacção:
O director:—O nosso jornal vende-
se pouco. E' preciso arranjar mais lei-
tores.
O administrador:—E' facil. Metem-
se três revisores.

—O senhor anda esmolando e quero
fazer-me acreditar que é escritor?
—Sou, cavalheiro! Publiquei um li-
vro que se intitula «As doze maneiras
de enriquecer».
—Então porque pede esmola?
—Porque é precisamente uma das
doze maneiras.

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

CONCURSO DO "FIXE"

Quem será o beleza de homem?

Desnecessário será afirmar que, dos intelectuais concorrentes, dois há que, por suas excepcionais qualidades de beleza de homem, se encontram frente a frente para a disputa do título.

Referimo-nos aos srs. Matos Sequêira e Alvaro Maia.

O primeiro, e isso puderam verificar os nossos leitores, reúne em si todas as qualidades exigidas:

É maior de 21 anos; tem dentes — e saudáveis! — e entrada livre na Brasileira, do Chiado.

O segundo, fóra umas certas reticências, está nas condições do primeiro.

Há até já quem lhe dedique esta quadra:

Onde vais tão apressado
Oh da pecha de loutro?
—Como ando desempregado,
Ando a vêr se alguém me encontra!

Temas, pois, e embora a beleza de Mario Salgueiro, que são esses dois intelectuais os apurados para a final.

Es, erem agora que o júri, na sua competente incompetência, se pronuncie com toda a imparcialidade.

* * *

O conhecido esteta sr. João Maria Sevilha enviou-nos, por intermédio de Hídio Arade, a seguinte carta que não resistimos a publicar:

o Sr. Redactor. — Muito obrigado pela lembrança de me meterem entre a gente do júri de seu concurso de beleza.

Não me habituei ainda a meter-me onde não sou chamado. Entendo, porém, que a escolha do abelezão deve ser feita em recinto fechado e em paz cada vez... para não se envergonharem.

Por mim, declaro já que, a ter que emitir opinião sobre as belezas estéticas dos concorrentes, darei o meu voto ao Mario Salgueiro.

É mais homem. Go to mais dele.

* * *

Continuamos respondendo aqui a algumas cartas que nos foram enviadas:

Maria Domingues. — Não serve a fotografia. Está muito escura.

Maria Quintela. — Mande a certidão de idade.

Aprigio Maia. — Está esplendida.

Silva Passos. — O nariz está grande de mais.

Alvaro de Andrade. — Sim, senhor. Gestamos do grupo. Parece o «Homem e os seus Fantasmas».

Nobre Martins. — Não tem sem ser em bicicleta?

Rogério Perez. — Mande a fotografia sem o amigo Caetano.

Tourada em Badajoz

Realiza-se no próximo dia 15 do Maio uma grande tourada em Badajoz, na qual serão corridos touros da acreditada ganaderia da viuva Soler e em que tomam parte os valentes matadores de touros Valencia I, Niño de la Palma, Rayito e Gallito de Zafra.

Sendo de esperar grande afluência a esta corrida, consta-nos que a C. P. estabelecerá por este motivo um serviço especial para Badajoz.

PROJECTO DE FILME A' AMERICANA

O assalto a Laura

Personagens

William K. Schnockson, 40 anos (Douglas Fairbanks); Joé, 25 anos (Charlié Chaplin); Laura Schonokson, 20 anos (Pola Negri).

Introito explicativo

William K. Schnockson, rico industrial californiano, é o marido de Laura Schnockson que, reciprocamente, é sua mulher. William ama sua esposa, que não o ama: quem ela ama é Joé, que não lhe tem amor nenhum.

Primeira parte

A scena passa-se nos arrabaldes de Los Angeles (U. S. A.), na fabrica em que W. K. Schnockson produz automoveis (15.000 operarios) na razão de um por minuto. (Mostram-se os autos que saem a todos os minutos, perfeitamente acabados, cada um munido dum pneu de muda e dum «chauffeur» preto). No salão dos Schnockson (mobilado com um gosto inaudito), conversa entre William e sua mulher Laura. (Vestido de casa de setim de lhamo d'ouro, de cauda, aberto, isto é, muito decotado nas costas. Colar de doze fios de perolas. Meias de seda, onde se acham bordados diferentes automoveis com pneu de muda e um «chauffeur» preto).

WILLIAM (fumando charuto): — Minha querida, sinto-me feliz, pois vendo tantos autos quantos fabrico; este charuto é excelente e amo-te.

LAURA (fuma cigarro): — Eu não vos amo, as minhas meias são hediondas, o meu cigarro é mau, as minhas perolas são falsas, pois vendi as verdadeiras que me havias dado e sou muito infeliz.

WILLIAM: — No entanto, quando eu casei contigo, tu eras uma insgni-

Segunda parte

Uma barraca de madeira numa floresta. William, corajosamente, pôs-se de novo a trabalhar. Esculpe, com uma navalha, pequenos auto-brinquedos de madeira, com muitos pneumos de muda e um pequeno «chauffeur» preto. Confecciona um por dia. William tem um revólver á cinta. O seu fato é muito usado. Na floresta, Laura, um vestido ás tiras, sem meias bordadas, fala misteriosamente com um chefe pele-vermelha.

LAURA: — Aqui está o meu colar de perolas. Ah! o tem com a condição de levarem o meu marido, de o matarem, depois de o haverem escarpado e infligido mil tortura.

(Filmar muitos peles-vermelhas escarpando e torturando prisioneiros (manequins). A um canto, Joé joga ás escondidas com um macaco).

Terceira parte

O rapto do William. De noite, na barraca. Mary, William e Joé dormem. 200 peles-vermelhas, nos bicos dos pés, rodeiam a barraca (exterior nocturno). O chefe, do tomahawk (o machado de guerra dos selvagens) em punho, penetra impetuosamente na barraca, seguido dos 200 peles-vermelhas. Luta. Confusão inextricavel, etc. O chefe dos peles-vermelhas foge a cavallo, o corpo estendido ao longo da sela. Na barraca, a luta continua.

LAURA (dando um grande grito): — God! O chefe enganou-se: levou o meu Joé!

WILLIAM (depois de ter expulso as peles-vermelhas a tiro de revólver, apertando Laura nos seus braços): — God! Minha adorada Laura, estás sã e salva! Volto a fabricar os meus pequenos autos de madeira, com um pe-



Charlot entre os peles-vermelhas, enquanto não chega o divorcio.

ficante figurante dum «music-hall» do Chicago (Mostrar o «music-hall» cheio de 8.000 espectadores, em trajo de rigor. Bailado, 500 dançarinos, etc.) o eu era já muito rico. Actualmente, possuo trinta milhões de «dollars». (Mostrar os trinta cofres fortes em que estão dispostos os «dollars»). Quo te falta?

LAURA: — Falta-me o amor. Amo Joé. Ei-lo, ele ahí vem.

(Entra Joé. O vestuario tradicional de Charlot. Ao entrar no salão, parte um vaso de porcelana, anda sobre a cauda do cão, cáe, etc., sem abandonar a bengalinha e de chapéu sempre na cabeça).

WILLIAM (com muita amabilidade): — Bons dias, meu caro. Vai um charuto?

(Depois de ter acendido o charuto de Joé, Laura atira o fosforo para o tapete, que se inflama, o que deita o fogo ao salão, á casa e á fabrica contigua. Filmar o incendio, 50 bombas, jorros d'agua, chamas gigantescas. Numerosos operarios carbonizados, mangueiras, etc.).

WILLIAM (contemplando o desastre): — Estou arruinado!

LAURA (fugindo com Joé, impassível): — É a minha vingança que começa!

ção pneu de muda e um pequeno «chauffeur» preto!

LAURA (beijando-o): — Meu bravo William, decididamente é a ti que eu amo!

Quarta parte

No campo das peles-vermelhas (Tiguetas, aquatics, reuniões de peles-vermelhas, etc.). Todos os peles-vermelhas estão pacificamente atados em redor. No meio da roda, Joé, promovido a chefe principal substituto da tribo, fuma tranquilamente o cachimbo da paz.

JOE: — Até que enfim, terminaram as minhas atribuições. Laura, essa perdida, ficaria bem espantada se visse a que alta situação eu cheguei... Ela, que me queria arrastar para aventuras criminosas e aleatorias! Ah! as mulheres!... Olha... olha... mas a filha do gran-chefe é muito bonita-nha...

(Ele olha para ela; ela boiza pudicamente os olhos, muito perturbada... depois lança os braços em redor do pescoço de Joé. Longo beijo. Fim. Punha-se a sala).

Trad. de Whlp para a N. B. M. P. A. Id.

José PARREIRA.

Fitas faladas

Na America,—pois onde é que havia de ser?—quando um filme é recebido de braços abertos, é costume que do auspicioso enlace da Fita com o Publico nasça, pelo menos, um rebento. Foi o que succedeu com O Cheik, cujo Filho o Tivoli amamentou na semana passada, e com o Zorro, cujo Filho o Tivoli, que, pelo visto, tem muito geito para ama-seca, amamentará numa semana futura.

O Filho do Cheik sai ao pai, que Lisboa não conhece. Sem desfazer na Agnês Ayres, o menino ainda tem melhor gosto que o papá, pois não resta duvida que a Vilma Banky... assimina é de se lhe tirar o chapéu.

O Rodolfo Valentino dá-lhe um beijo no oásis, que faz mal... aos nervos



YASMINA

de ambos os sexos. Rudy—a terra lho seja leve!—era um especialista em brejeirices au rulentis. E ainda o leitor não sabe que D. Consura tambem ali meteu o seu bedelho...

O Tio Goriot é uma super-produção que a Erka-Pr-disko garante ter sido adaptada do romance do Balzac. Se abrissem o tumulo em que repousa o autor da Comédie Humaine, ia jurar que encontravam a caveira com os cabelos em pé, tal foi a adaptação. Assim como assim, mais valia dizer que era palmado, mas que não se parecia em quasi nada.

Emile Chautard é um Goriot tudo quanto ha de mais seculo XIX; Lionel Barrymore—Vautrin—é, como sempre, seculo XX; e a Jetta Goudal deve ser muitissimo seculo XXI, a avaliar pela Delina Mas, apesar de tantas anacronismos, saiu uma mayonnaise comestivel, embora um pouco indigesta.

* * *

O Salão Central deu á luz... do arco voltaico Os Filhos do Politeama. Como todos os nossos leitores já viram a peça de Népoty, não lhes conto a historia dos três viuvos, dos inumeros fitis e do jardineiro filosofo. Só direi que os espectadores se viram seriamente embaraçados para perceber quem eram os pais das crianças.

A D. Ilda Stichini foi substituida, sem vantagem, pelo Gio Laby; Alexandre de Azevedo podia muito bem ter ido ensinar o papel de Paul Olivier, o Raul de Carvalho devia ter consultado o Lucion Dalsace, antes de se atirar ao Ricardo.

Tambem, no Central, Ralph Lewis aparece no filme Um dos mais Valentes ou O Bombeiro Involuntario da Ajuda. Ha uma data de incendios, mas com tão pouca sorte que nem ao menos ardeu a fita.

* * *

O Coliseu dos Recreios, depois do circo, da Mouraria e do bel-canto, cultiva a arte muda, talvez para recompensar os habitués das fífias do Piorelli.

Ricardo Covões, como é um empresario consciencioso, exhibe os Vinte Anos Depois, de Alexandre Dumas, aproximadamente vinte anos depois de Lisboa ter visto Os Três Mosqueteiros. Já cheira a bafio.

Retardador.



O QUE SE DIZ E O QUE SE NÃO DEVE DIZER

Memórias dum campeão de "box"

O facto mais sensacional da semana desportiva que passou foi a decisão dos directores da Federação Portuguesa de Foot-ball Association.

Artur José Pereira tinha razão quando, antes de partir para Turim, me afirmava que o *match* Portugal-Italia havia de dar muito que falar...

De facto, no desafio, como á roda dele—andou-se sempre a perder...

Antes da partida, os directivos perderam a vergonha.

Em Monte-Carlo perderam dinheiro.

Em Vintimiglia perderam o comloio.

Em Turim, a *équipe* perdeu o jogo.

Quando enviaram o telegrama official, os directores estavam com a cabeça perdida.

A' volta:—perderam-se.

E agora:—perdem os lugares!

Tem causado grande sensação o aparecimento nas ruas de Lisboa duns originaes vehiculos destinados á pratica do desporto automobilista.

Trata-se duns carros com o motor nas trazeiras e com umas *carrósseries* misteriosas—tipo: *Torta de Viana*.

Os *graíças* arranjaram-lhes uma designação pitoresca. Chamam-lhes: — os *carochas ambulantes!*

O conhecido arbitro de *foot-ball* Silva Ramos, detentor dum calção originalissimo, é, indiscutivelmente, o melhor humorista desportivo do *Martinho*.

Descrevendo a seu modo o encontro Belenenses-Maritimo, na apreciação final do *score* esmagador de 8-1, dizia:

—Eu tive muita pena do guarda-rêde do Funchal. Coitado! Até lhe caiu o cabelo!

Nesse melhoravel desafio, em que o Belenenses fez uma autentica *fiesta artistica*, um jornalista tomava minuciosos apontamentos para descrever o *match* no seu jornal e, segundo o estylo de 1820, pontapé por pontapé.

A cada ponto obtido correspondia uma mão cheia de *linguados* descriptivos...

No final do encontro estava atropeladissimo:

—N.º sei como hei de arranjar isto! Já sobra... *ogonla* para a pagina dos anuncios.

Passa agora o aniversario do assassinato do celebre *boxeur* preto Siki, que uma estrondosa vitoria sobre Carpentier fez campeão do mundo dos meios-pesados.

Siki, o *boxeur-enigma*, foi das mais extraordinarias creaturas que tem aparecido no mundo do *box*.

Em dois meses, era quasi impossivel conseguir o que ele conseguiu.

Bateu Carpentier; conquistou seis titulos em quatro *rounds*; tornou-se discutido em todo o mundo; emocio-

nou a Camara dos Deputados franceza; preocupou o governo britanico com a sua ida á Irlanda...

Quando se esperava que, dando o corpo ao manifesto, contribuissa com alguns milhoes para os laboratorios francezes, o negro desapareceu.

Chegou a supôr-se que, no habitual estado de embriaguês em que se encontrava, se tivesse afogado no Sena, ao procurar tornar-se branco de neve, como era seu desejo.

Era um homem unico. No mesmo dia, Siki conseguia:—assinar um contrato com Dempsey, mudar de *manager* quatro vezes, partir para Rotterdam, ser desclassificado, ser preso em Paris, embriagar-se, protestar contra

a Federação Internacional, dar dozo entrevistas, fazer exhibções em Berlim, voltar para o Senegal, divorciar-se, não ligar nenhuma á Federação, fazer um contrato para *filmar* o *Othelo*, escrever um livro de memorias, fumar noventa e sete charutos, ganhar um processo e perder duas partidas de bilhar.

A sua maior falta foi, sem duvida, a de se conservar demasiado proximo do estado selvagem, não se afazendo aos *refinements* que actualmente se exigem a um campeão do mundo.

Quando foi do incidente da Sala Wagram, em que Siki deu uma tarefa a um *manager*, era interessante ouvi-lo expôr ingenuamente o seu estado de espirito:

—*Querem que eu seja campeão do mundo. Eu não quero sê-lo! E' melhor que Carpentier o seja. Restituam-lhe o titulo. Eu... não sei o que hei de fazer dele.*

E era realmente assim—porque era perfeitamente inutil pedir a Siki outra coisa que não fosse o subir para o *ring*.

Não sabia manter esse cargo de campeão, conduzir-se segundo o protocolo e mostrar-se *gentleman* como Carpentier.

Puzeram-no diante do *deus*, e bateu-o. Estava pronto a dar a destorara, se lhe'a pedissem. Quanto ao titulo: —*não sabia o que havia de fazer dele.*

A *International Boxing Union* destituiu-o do titulo — mas mais tarde amnistiou-o.

A filosofia nativa de Siki opunha-se a fatigantes conjecturas sôbre tão melindroso caso. Como principal interessado, a sua opinião resumia-se a:

—*Campeão se quizerem! Não campeão se não quizerem!*

Os aficionados do automobilismo tem agora uma revista portugueza da especialidade.

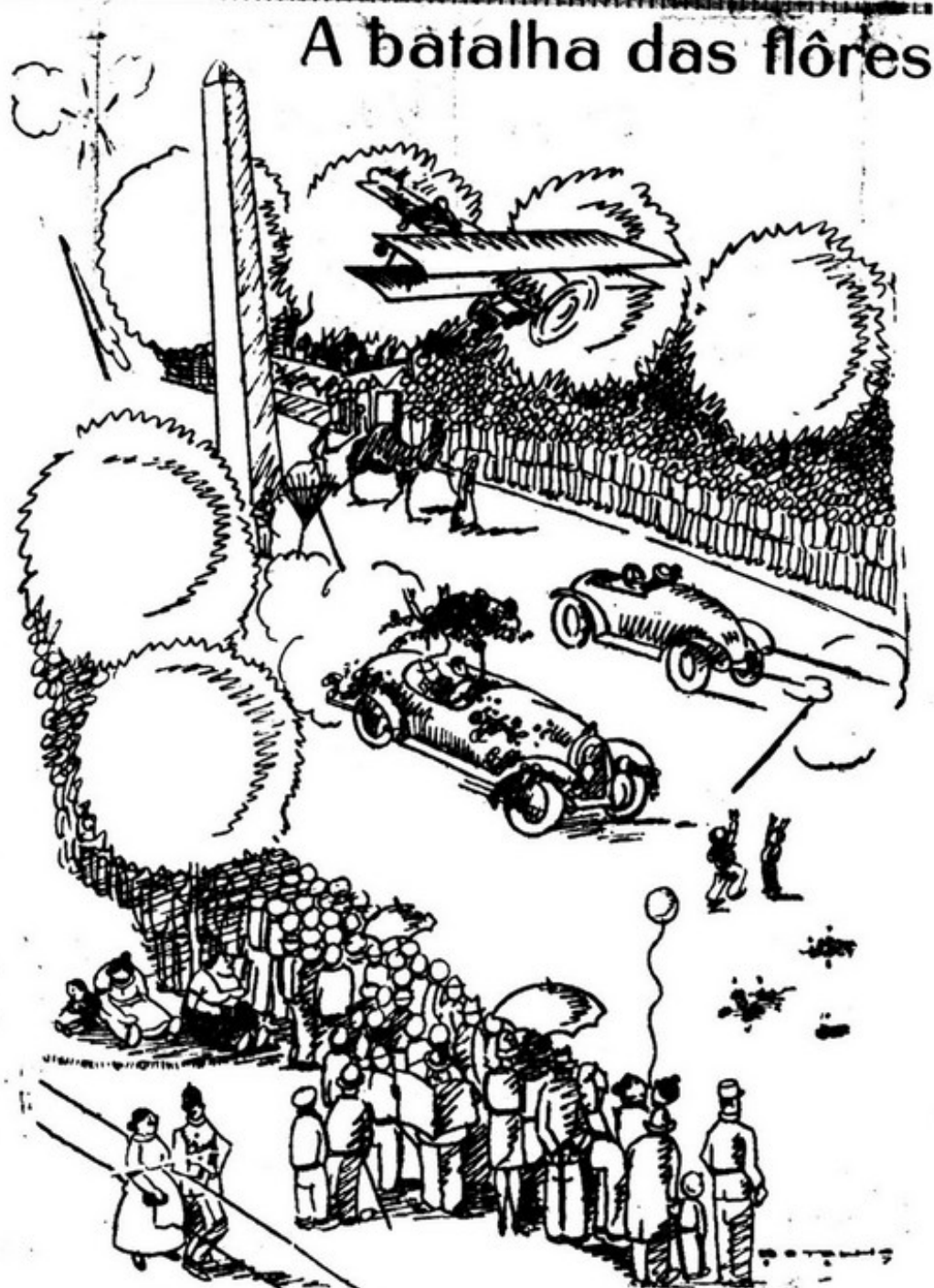
E' o *Volante*, jornal que ontem lhes appareceu sob essa nova e *coquille* forma.

E' um progresso a notar.

A gente rica que lê a revista sente logo a vontade de comprar um carro.

Aos que não tem vintem:—resta o desejo de serem atropelados...

Rebola-A-Bola.



Um milhão de almas a ver dois automovels e dois automovels a ver um milhão de almas



— Quantas prisões tem?
 — O sr. chefe deve saber melhor do que eu. Só sei contar até dez...



— Sr. juiz, matei para que não me matassem.
 — Bem sabe que é proibido.
 — Pois sim, mas o suicidio tambem é proibido.



— Onde foi a senhora?
 — Tinha tantos chapéus que foi comprar mais um.



Os "extremos tocam-se," mas não se encontram, por falta de meio... condutor.

AS MÁS COMPANHIAS...



Aspectos "sequiosos," e "sombrios," das ruas de Lisboa